



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

***O QUE PENSAM OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO SOBRE A
ESCOLHA PROFISSIONAL E A PROFISSÃO DOCENTE***

MARIANA DE PAULA FERREIRA DE OLIVEIRA

**BRASÍLIA/DF
2014**

MARIANA DE PAULA FERREIRA DE OLIVEIRA

***O QUE PENSAM OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO SOBRE A
ESCOLHA PROFISSIONAL E A PROFISSÃO DOCENTE***

Trabalho Final de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora **Otília** Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas.

**BRASÍLIA/DF
2014**

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIANA DE PAULA FERREIRA DE OLIVEIRA

O QUE PENSAM OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO SOBRE A ESCOLHA PROFISSIONAL E A PROFISSÃO DOCENTE

Trabalho Final de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas.

Banca Examinadora

Profa. Dra Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas (orientadora).
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Ms. Alessandra Lisboa da Silva (examinadora)
Secretaria de Educação do Distrito Federal

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella (examinador)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, 12 de dezembro de 2014

Dedico este trabalho a Deus, à minha família, e a todos que de alguma maneira contribuíram para a realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pois sei que a realização deste curso e a concretização deste sonho só foram possíveis porque Ele esteve comigo em cada momento, guiando os meus passos e me fortalecendo a cada dia. Dedico a Ele, não apenas este trabalho e o meu curso, mas a minha vida. Aos meus avós Anerícia e Chagas, por todo cuidado, amor, carinho, proteção e dedicação, desde o meu nascimento até hoje. Por serem meu maior exemplo e maior incentivo na busca por um futuro feliz e satisfatório. Aos meus pais Elianira e José Amado, por me proporcionarem o melhor que podem me oferecer, me amando e aceitando como eu sou, com todos os defeitos e reconhecendo minhas qualidades. Ao meu irmão Marcos Aurélio, que é um grande companheiro para todas as horas. A toda minha família, que representa a base da minha vida e o meu porto seguro, onde sei que sempre encontrarei apoio e auxílio, seja qual for a situação. À minha melhor amiga, Carol Venceslau, que está comigo em todos os momentos, minha confidente, companheira, conselheira, que aguenta as minhas crises de stress e desespero, estando comigo nas melhores e nas mais difíceis situações. Aos meus colegas de curso, em especial Sérgio Moreira, Desuira Moraes, Eduardo Engelmann, Helena Beatriz, Talyta Santos, Danielle Ferrão e Tâmisa Pereira. À minha amiga Livia Guedes, que sempre acreditou no meu potencial e me incentivou a acreditar em mim mesma, me dando força e me apoiando em cada momento. À minha amiga Bertulina que, especialmente, sabe da importância desta graduação, me acompanha desde o início e sei que muito se alegra com a conclusão do meu curso. Aos meus amigos da igreja, que me proporcionam os melhores momentos de descontração e alegria. Aos funcionários da Faculdade de Educação, que são dignos de reconhecimento por seu trabalho e dedicação, aos quais devo muita gratidão e que se tornaram pessoas muito especiais, minha tia Mary, Lu Andrade, Cristina Danicki, William Mota, Juliane Emília Sra. Raimundinha, Sra. Rita e Lú. A todos os professores, em especial, minha querida orientadora, Otília Dantas, a quem muito devo essa conquista, por ter me dado um voto de confiança, por acreditar em mim, me incentivar a oferecer o meu melhor, por ser exemplo de profissional, por me inspirar a me apaixonar e me dedicar à docência. A todos que me ajudaram, deixo aqui o meu “Muito obrigada!”.

SUMÁRIO

RESUMO

LISTA DE SIGLAS

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

APRESENTAÇÃO _____

PARTE I – Memorial educativo _____ **08**

A escolha profissional _____ **09**

PARTE II – Monografia – O que pensam os jovens sobre a profissão docente: as mediações que ocorrem no ambiente escolar _____ **10**

Introdução _____ **19**

1. A escolha profissional do jovem do Ensino Médio e o seu ingresso na Universidade de Brasília _____ **20**

Categorias da pesquisa _____ **23**

2. O discurso dos jovens sobre a escolha profissional e como se delinea a docência _____ **24**

3. Considerações finais _____ **31**

4. Perspectivas Profissionais _____ **40**

43

Referências _____

Anexo _____ **44**

46

LISTA DE SIGLAS

CEF 07 (Centro de Ensino Fundamental 07 de Brasília)

CEM (Centro de Ensino Médio)

CESPE (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos)

CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)

DF (Distrito Federal)

ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio)

FE (Faculdade de Educação)

GAN (Ginásio da Asa Norte)

IRA (Índice de Rendimento Acadêmico)

LDB (Lei de Diretrizes e Bases)

LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)

PAS (Programa de Avaliação Seriada)

PROIC (Programa de Iniciação Científica)

UnB (Universidade de Brasília)

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1. Volume de alunos indecisos quanto a escolha profissional de acordo com o ano/série_____	31
Gráfico 1. Total de alunos por escola_____	30
Gráfico 2. Decisão quanto à graduação_____	32
Gráfico 3. Influência familiar na escolha profissional_____	32
Gráfico 4. Interesse pela docência_____	35
Gráfico 5. Estudantes do Ensino Médio, por gênero, interessados pela docência____	36
Gráfico 6. Interesse pela docência conforme a área de conhecimento_____	37
Gráfico 7. O que pretende com a carreira profissional_____	37

Resumo

Este Trabalho de Conclusão do Curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília é resultado de estudos e pesquisa desenvolvida durante o ano de 2013 e financiado pelo CNPq/PROIC/UnB. O estudo partiu do convite que a minha orientadora me fez para lhe ajudar a acompanhar esta pesquisa com um grupo de jovens estudantes do Ensino Médio (bolsistas ProIC-EM) e uma professora do SEEDF, pesquisadora colaboradora. Intencionávamos investigar “O que pensam os jovens do Ensino Médio sobre a profissão docente” no intuito de colaborar com sua entrada na Universidade de Brasília orientando e apresentando os diversos cursos aqui oferecidos e do que tratam, bem como saber dos direitos (cotas sociais) que possui o estudante da Escola Pública. A finalidade: analisar o que pensam os jovens estudantes de Ensino Médio sobre a escolha profissional e a influência da família e dos professores nesta decisão. A pesquisa foi fundamentada teoricamente em autores que abordam temas como trabalho, orientação vocacional e escolha profissional. Para alcançar os objetivos traçados, foi realizada uma pesquisa de cunho quali-quantitativo com jovens estudantes de duas escolas de Ensino Médio da Ceilândia, mediante a análise dos dados obtidos pela pesquisa, foi possível perceber o grau de conhecimento sobre as diversas profissões, em especial a profissão docente, e a realidade em que se encontram estes estudantes quanto à orientação da família e da escola a esse respeito. Considerou-se que o apoio familiar e escolar é importante para conduzir o aluno à escolha certa e que a união entre escola, família e aluno, resulta em queda no índice de indecisão e dúvidas acerca da escolha profissional, e conseqüentemente garantia de sucesso independente da profissão desejada. Entretanto, os pais ainda reforçam aquela velha ideologia que o jovem deve escolher um curso que lhe dê retorno financeiro rápido e reconhecimento social. Constatamos que a escola ainda serve de motivadora à escolha profissional desses jovens, mas pela iniciativa individual de seus bons professores. São intervenções pontuais e individualizadas que são introduzidas pelos professores sem a participação direta da escola.

Palavras-chave: Ensino Médio. Escolha profissional. Profissão docente. Jovem.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho se apresenta em dois momentos: o primeiro momento refere-se ao Memorial educativo no qual apresento um pequeno recorte de minha trajetória de vida destacando os aspectos que correspondem à minha vida escolar e dão sentido à minha escolha profissional influenciando a definição do tema desta monografia. No segundo momento – a Monografia – desenvolvo a temática permeada durante toda minha formação profissional de Pedagoga, “*O que pensam os jovens do Ensino Médio sobre a escolha profissional e a profissão docente*”. A finalidade da pesquisa é, portanto, analisar o que pensam os jovens estudantes de Ensino Médio sobre a escolha profissional e a influência da família e dos professores nesta decisão. Especificamente os objetivos tinham como propósito: i. Delinear, a partir do discurso dos estudantes, as contribuições que a escola e a família oferecem para a escolha profissional do jovem estudante de Ensino Médio e, ii. Compreender as razões que justificam a decisão dos jovens pela docência como profissão.

A escolha profissional representa um momento marcante na vida do aluno, especificamente do estudante de Ensino Médio, e corresponde a uma situação que envolve diversos sentimentos, dúvidas, expectativas, medos, preocupações e questionamentos. E um dos aspectos cruciais que envolvem essa escolha são as influências que o jovem sofre até definir sua área de atuação profissional, em sua maioria, feita pela família, escola e amigos. Para nós esta temática denota bastante significação tendo em vista o papel que o pedagogo poderá desempenhar no acompanhamento de jovens do Ensino Médio acerca de sua escolha profissional. No entanto, foi nossa intenção, aqui, provocar questionamentos acerca do acompanhamento pedagógico de jovens estudantes do Ensino Médio, prestes a decidir seu futuro profissional, muitas vezes, encontra-se distantes desta realidade pouco ou nada orientados, seja pelos seus familiares seja pela escola.

Neste sentido, convido o leitor a conhecer um pouco do que conseguimos sistematizar para este trabalho, certa de que há muito que alcançar das investigações realizadas.



Parte I – Memorial Educativo

A escolha profissional

“... é pelo presente que se explica o passado”.
(Soares, 1991, p. 21)

Escrever um memorial não é reviver o passado, como é comum se pensar. Mas é como voltar no tempo, lembrar o que se viveu, os momentos marcantes que deram sentido e rumo a cada passo da minha trajetória, para construir, aos poucos, o que sou hoje. Desse modo, traço minha trajetória de vida seguindo as recomendações da Magda Soares (1991, p.40): “A (re) construção do meu passado é seletiva: faço-a a partir do presente, pois é este que me aponta o que é importante e o que não é; não descrevo, pois; interpreto”. Registrar o passado torna possível a explicação do presente.

Eu me chamo Mariana de Paula Ferreira de Oliveira. Nasci em 01 de janeiro de 1992, na cidade de Posse, situada no interior do estado de Goiás, Brasil. Com apenas alguns meses de vida fui morar com meus pais no estado de São Paulo, onde permanecemos por poucos meses e logo nos mudamos para Brasília, Distrito Federal. Meus pais se separaram e logo depois do nascimento do meu irmão fomos morar novamente em Posse. Tive uma infância muito alegre e completa. Gostava muito de brincar, com meu irmão, meus primos, ou até mesmo sozinha. As minhas brincadeiras preferidas eram de boneca e de “escolinha”. Eu sempre queria ser a professora, e me divertia muito. Com quatro anos de idade fui à escola pela primeira vez. Não tenho muitas recordações, mas um fato marcante foi o medo de estar em um lugar desconhecido, com pessoas para mim estranhas, o que desencadeou um choro amargo e sofrido, do qual me recordo até hoje, que apenas cessou ao voltar para casa e estar no colo da minha mãe. Gênesis foi a primeira escola que frequentei, localizada nas proximidades da minha casa. Ali terminei o Jardim I e, ao final daquele ano, voltamos para Brasília.

No ano de 1997 estava com cinco anos de idade cursando o Jardim II na Escola Classe 415 Norte. Cursei o Jardim III (mais conhecido como Pré-Escola e carinhosamente chamado de “Prezinho”) na Escola Classe 316 Norte. Lembro-me que fiquei muito triste em ir para lá, pois gostava muito da minha escola e dos amiguinhos que fiz durante aquele ano. Mas

aquela mudança me surpreendeu. Minha professora, a querida “tia Vera”, (coloco aspas, pois, hoje, penso como pedagoga, e compreendo que esta nomeação não é adequada para referir-se ao profissional de maneira honrosa) era um amor de pessoa; carinhosa, compreensiva, dedicada e atenciosa. Eu era apaixonada pela minha professora. Eu gostava muito de estudar, e passei a gostar também daquela escola. O lugar que eu mais gostava de estar era na biblioteca, que tinha por nome Biblioteca Cora Coralina. Eu amava ler, me divertia com aqueles contos encantadores, me sentia esperta ao realizar as atividades que ocorriam sempre que terminávamos uma leitura. E por falar em leitura, preciso destacar aqui um fato muito importante para mim. Com cinco anos de idade fui alfabetizada em casa, pela minha avó materna, Anerícia. Ela comprou um caderninho, escrevia as letras, tanto de fôrma como cursiva, e me orientava a copiar várias vezes. Em seguida foram as palavras, frases, e em pouco tempo eu estava lendo e escrevendo muito bem. A minha professora sempre me elogiava, eu era a única aluna de toda a escola que entrou na Pré-Escola já alfabetizada.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases em seu artigo 24, inciso II, alínea c, (Brasil, 1996): “independentemente de escolarização anterior, mediante avaliação feita pela escola, que defina o grau de desenvolvimento e experiência do candidato e permita sua inscrição na série ou etapa adequada, conforme regulamentação do respectivo sistema de ensino;”. E por esse motivo, ao terminar o Jardim III, minha mãe foi orientada a avançar uma série, ou seja, eu sairia do Jardim III, direto para a 2ª série. Na época fiquei chateada, pois minha mãe não concordou. Hoje, sinto-me agradecida pela sábia decisão dela. Foi um ano muito especial e importante, o ano da minha primeira formatura escolar. No ano seguinte continuei na mesma escola.

Em 2000, para a minha surpresa, voltei a estudar na Escola Classe 415 Norte. Aquela escola foi um ambiente marcante para mim. Ali cursei da 2ª à 4ª série, e vivi momentos muito felizes da minha infância. Lembro-me com clareza de apenas uma professora, a “tia Súliva”. Ela era muito especial para mim, um exemplo de profissional, dedicada e carinhosa com cada um dos seus alunos. Assim como a tia Vera, sempre mandava recadinhos na agenda, elogiando e parabenizando cada mérito nosso. Duas pessoas também muito especiais para mim eram a “tia Nailda” (Diretora) e a “tia Morena” (Coordenadora), carinhosamente chamada assim por alunos, pais e funcionários, eu sinceramente não me recordo do nome dela. Ali fiz muitos amigos, alguns até hoje mantenho contato. Nesta época

eu e minha família nos mudamos para o Grande Colorado, bairro situado em Sobradinho – DF, cerca de 20km de distância da Asa Norte. Encerrei a Educação Infantil com êxito. Gostava muito de estudar, e o ambiente escolar me alegrava bastante.

Em 2003 iniciei o Ensino Fundamental. Não sei se é assim para todas as pessoas, mas para mim, foi um choque. Uma realidade bem diferente do que eu já tinha vivido até aquele momento. De repente eu me vi dentro de um ambiente bem maior, com pessoas muito diferentes, algumas mais maduras, de personalidade forte e cultura diversificada. Matérias escolares que eu nem sabia que existiam, com hora marcada para começar e para terminar, e cada uma delas ministradas por diferentes professores. A escola era o Ginásio da Asa Norte (GAN). A primeira aula, Matemática, ministrada pelo pior professor que eu teria que encarar. Não me recordo o nome dele, mas o seu comportamento até hoje está gravado em minha memória: mal humorado e não gostava de conversar. Entrava na sala, escrevia a matéria no quadro, mandava a turma copiar, com um tempo determinado para terminar, e em seguida “explicava” a matéria. Quem entendeu, bem, quem não entendeu, tinha a “chance” de ir à mesa dele pedir uma nova explicação. Mas o semblante dele era tão sério que era muito difícil ter um “corajoso” que fosse até lá. Ali começou a minha terrível trajetória de um relacionamento conturbado e quase impossível entre eu e a Matemática. “Em todos os níveis de ensino, desde o aluno que ingressa nos primeiros anos, até o ensino superior, encontramos esta rejeição na afirmação de que a Matemática é difícil.” (TATTO; SCAPIN; 2004, p.2). Segundo as autoras, são muitas as causas e os motivos que levam os alunos a rejeitarem a matemática. Dentre eles me identifico com este: “Outros alunos falam que não gostam da Matemática porque não gostam do professor, por ele não animar e motivar as aulas, ou ainda por outros motivos. Assim, podemos observar a transferência do não gostar do professor para o não gostar da matéria que ele ensina, Matemática.” (TATTO; SCAPIN; 2004, p. 11-12). Não acredito que este tenha sido o único fator para o meu desgosto pela Matemática, mas, coincidência ou não, minha dificuldade com a matéria começou com o tal professor “amargo”. Apesar das dificuldades com aquele professor e com a ausência frequente dos outros professores, consegui prosseguir sem maiores problemas e concluir a 5ª série com êxito. Porém, a partir dali a matemática tornou-se cada vez mais complexa e desinteressante para mim.

Cursei a 6ª série na Escola Classe 102 Norte, uma instituição de estrutura menor que a escola anterior, porém, melhor organizada, com excelentes professores e “Inclusiva”, o que me proporcionou a chance única de aprender o básico de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), pois todos os alunos se comunicavam com os alunos com Deficiência Auditiva através da LIBRAS. Nesta escola também tive a oportunidade de praticar handball, esporte pelo qual me apaixonei, participei de campeonatos interclasse e intercolegial. Outro fato marcante nesta escola foi a do correio interno. A ideia era promover interação entre as turmas, professores e funcionários da escola. Então, cada um escrevia sua cartinha para quem quisesse, entregava à coordenadora e ela se encarregava de distribuí-las. Era muito divertido e especial, além de pedagogicamente funcional.

Mas um ponto um tanto quanto negativo que percebi nesta escola, confirmado pela própria Direção e que infelizmente nos anos seguintes notei que não seria exclusividade desta escola, era o fato de como os alunos eram distribuídos nas turmas. Na turma “A” sempre ficavam os taxados “melhores alunos”. Na turma “B” os alunos não tão bons o suficiente para estarem na turma “A”, e assim sucessivamente. Para os alunos da turma “A” isso era motivo de orgulho, claro. Mas para os alunos da turma “G”, que comportava os alunos novatos e os piores alunos, isso não era muito agradável. Gostaria muito de saber os critérios que a Direção usava para essa rotulação.

No ano seguinte mudei novamente de escola, fui para o Centro de Ensino Fundamental 07 de Brasília (CEF 07). Escola de grande estrutura, com quadras de esporte, muitas turmas de apenas duas séries, 7ª e 8ª. Lembro-me de professores muito bons e verdadeiramente comprometidos, como as professoras Aidê (História), Valdmira (Geografia) e Caroline (Ciências Naturais). Os alunos sofriam, apesar de gostarem quando tinham horário livre por falta de professor. A ausência maior era de professor de Inglês e Artes e havia muitas trocas de professor, principalmente de matemática, inglês e Educação Física. As recentes trocas prejudicavam o conteúdo de matemática e de inglês, talvez por isso até hoje tenha dificuldade com as duas matérias. Foram dois anos muito proveitosos e especiais, aprendi muito naquela escola, inclusive com as diferentes realidades sociais e culturais que presenciava ali.

Uma atividade em destaque marcou aquele tempo. A professora de História, Aidê, organizou um desfile de épocas com todos os alunos, com cerca de vinte estilos representando

algumas principais décadas. O evento promoveu a interação entre as turmas e claro, alguns pontinhos extra no boletim. Hoje compreendo a didática e a relevância desta atividade olhando por uma visão pedagógica, pois na formação acadêmica entendemos quão importante é o bom relacionamento entre os componentes que fazem parte do ambiente escolar e do processo educativo. Essa interação foi de suma importância, pois nesta escola a rotulação das turmas era ainda mais marcante que em minha escola anterior. A Direção da escola, em conjunto com os professores, promovia mudanças nas turmas no 2º semestre para ajustar o nível de aprendizagem dos alunos. Isso causava um conflito enorme entre as turmas, a ponto de gerar brigas, intrigas e confusões entre os alunos de diferentes turmas. Do ponto de vista pedagógico, acredito que tal atitude representa uma preocupação por parte da escola em promover melhoria e progresso no desempenho dos alunos, porém, é necessário considerar a opinião dos outros envolvidos (pais e alunos), e realizar uma observação sobre a contribuição desta atitude, se verdadeiramente é funcional e se apresenta resultados positivos ou negativos.

Em 2007 iniciei uma nova fase, o tão sonhado e também temido Ensino Médio. Saí da rede pública, pois a falta de professores realmente prejudicava o desempenho escolar, e minha avó decidiu me colocar na rede particular, para que eu não fosse prejudicada. Ganhei uma bolsa de estudos de 50% no Colégio Barão do Rio Branco, localizado na quadra 13 de Sobradinho - DF. Apesar do medo de não dar conta, pois a cobrança seria maior e a média de aprovação na escola pública era 5.0 e no Rio Branco era 6.0, eu tinha muitas expectativas com a nova escola. A escola era pequena, havia apenas duas turmas do 1º ano, “A” e “B”, seguindo o ritmo da taxaço de melhores e piores alunos, porém não tão às claras quanto na escola anterior, o que por sorte não causava intrigas entre as duas turmas, apesar de que a minha turma, “A” frequentemente recebia mais elogios e menos visitas por parte da Diretora.

Naquele ano passei por minha primeira decepção com meu desempenho escolar. Sempre fui aprovada em todas as matérias, inclusive encerrando o período escolar anual na primeira “leva” de alunos que entravam de férias. Mas neste ano, pela primeira vez, fiquei em recuperação escolar em Química. Para completar, não consegui passar na prova final, e fiquei em dependência na matéria, ou seja, passei para o 2º ano devendo a matéria de Química

através do sistema de Progressão Parcial¹. Aquilo me chateou bastante, fez com que eu me sentisse incapaz, passasse a não gostar de matéria, e a ter receio do professor, principalmente por que reprovei por 0,2 décimos. Esforcei-me no 2º ano e antes da metade do ano consegui ser aprovada. Esta disciplina foi ministrada por outro professor de Química. Com este, a minha dificuldade era muito menor. Então percebi que o problema não estava completamente em mim, mas na metodologia de ensino do professor. Claro que eu nunca disse isso a ele, até por que nunca iria reconhecer sua parcela de responsabilidade.

Química continuou sendo o meu “calo” durante todo o Ensino Médio, sempre sendo aprovada no limite da pontuação mínima exigida. Minhas matérias preferidas eram Geografia, Português, Espanhol, Artes, História e Biologia. Aquelas que eu encontrava mais dificuldade e conseqüentemente não gostava muito eram: Química, Matemática, Física e Inglês. Apesar da dificuldade, eu alcançava notas boas nessas matérias, exceto em Química. Pensava em desistir, pois nunca iria aprender Química. Decorava o conteúdo para cada prova, mas, no fundo eu não sabia nada de Química, e me acostumei com isso, assim como o professor, que mesmo percebendo a minha dificuldade não fazia o mínimo esforço para que eu conseguisse entender.

Em 2009 finalmente curso o tão esperado 3º ano. Muita expectativa, animação, agitação. Todos cansados da escola, ansiosos pela conclusão de uma fase e pelas novidades que o Ensino Superior nos reservaria. Muitas dúvidas, escolhas importantes precisariam ser tomadas, entre elas, o Vestibular, que rege a continuidade da sua vida escolar pós-Ensino Médio. O que fazer ao encerrar este ciclo? Em que área atuar? Que curso fazer? Faculdade ou trabalho? Graduação ou concurso público? Emoções que se misturavam entre saudade, ansiedade, curiosidade, medo, receio, esforço, sorte... O ano da bagunça ou do início da maturidade forçada? Talvez o defina como “o ano da dúvida”.

¹ O Regimento Escolar das instituições educacionais da rede pública de ensino do Distrito Federal (BRASIL, 2009) em sua seção VII, artigo Art. 177 garante que: “É adotado o regime de dependência que assegura ao aluno prosseguir os estudos na série/ano imediatamente subsequente, quando o seu aproveitamento na série anterior for insatisfatório em até dois componentes curriculares”.

A maioria dos meus colegas, assim como eu, decidiu prestar o vestibular no meio do ano, para testar os conhecimentos, saber como funcionava a seleção e quais as chances e possibilidades de ingressar na Universidade Pública. Na inscrição para a prova surgiu-me o primeiro desafio: a escolha do curso. Eu não acreditava que pudesse ser aprovada naquela primeira tentativa. Primeiro porque não estava me preparando de fato para o vestibular, pois contava apenas com o conteúdo ministrado na escola. Segundo, porque sabia que na prova encontraria questões de Química, e receava que pudessem me eliminar. Terceiro, eu ainda não tinha visto toda a matéria do 3º ano, e isso diminuía as minhas chances. E por último, o curso que eu achava que queria cursar era Ciências Jurídicas (Direito). A suposta escolha pelo curso de Direito foi pela influência da família e amigos, e a principal razão pela indicação era o piso salarial que me traria conforto e luxo, e “garantia de sucesso”, inclusive, na minha família há um bom número de profissionais da área. Entretanto, eu sabia, no fundo, que não era o curso que despertava meu interesse. A pontuação para aprovação era muito alta e eu sabia que não tinha chance. Então, que curso escolher? Precisava escolher uma opção com pontuação mais baixa para aquele teste. Olhei todas as opções, uma, duas, três vezes... Parei na opção Pedagogia. E comecei a pensar em muitas coisas. Na minha afinidade com crianças; na minha curiosidade para saber o que se passava nas salas de reuniões durante os conselhos de professores; nas minhas decepções com certas condutas de alguns deles; nas brincadeiras de criança em que eu sempre queria ser a professora e nas aulas de religião que eu ministrava na igreja. Então decidi que a minha escolha seria a Pedagogia.

Fiz a prova encontrando facilidade nas questões das Ciências Humanas e um pouco de dificuldade nas questões das Ciências Exatas, como já era de se esperar. Mas não criei expectativa, pois tinha em mente que aquela prova seria apenas um teste. O resultado do vestibular saiu durante as férias. Para a minha surpresa, o meu nome estava lá. Eu realmente tinha sido aprovada no vestibular. Como acontece com a maioria dos aprovados, a ficha demorou a cair. Fiquei muito feliz e cheia de expectativa. Mas ainda faltava um obstáculo para ingressar na Universidade de Brasília. Eu não havia concluído o 3º ano e precisava da certificação da escola de minha conclusão do Ensino Médio para realizar minha matrícula no curso. Fui submetida a um provão que incluía todas as matérias do colégio, e para ser liberada precisava alcançar média 8.0 na prova. Com intenso esforço durante uma semana de preparação para a realização da prova, fui aprovada, para alívio meu e de minha família.

Enfim, o avanço nos estudos se concretizara, como tive a oportunidade no início da minha escolarização. Então, ingressei no Ensino Superior. Comecei meu curso de graduação em Pedagogia, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, no 2º Semestre de 2009. Com muita expectativa, fui me surpreendendo a cada dia com o curso. Ainda no 3º ano lembro-me do professor de Química certo dia perguntar para nós que curso gostaríamos de fazer, e nesse episódio ele fez um comentário bem infeliz: “Na UnB você passa na porta das salas da Pedagogia e o pessoal está lá, só cortando papel! Passam o tempo todo cortando papel”. Nunca me esqueci daquele comentário. E ainda bem que a cada dia eu pude perceber que aquele comentário, além de infeliz, era caluniador. Fui me apaixonando pelo curso e cada dia mais valorizando o papel importante do profissional da educação, não apenas na formação de conhecimento do aluno, mas no auxílio da construção do seu caráter como pessoa. Por isso a necessidade de exercer sua função com responsabilidade, dedicação, sabedoria e amor. O curso abriu a minha mente, ampliou meus horizontes. É claro que os quatro anos de duração do período de formação acadêmica não comportam tudo que o profissional precisa saber. A experiência com a prática docente vai aperfeiçoando, gradativamente, o conteúdo trabalhado na Academia. Desse modo, tenho me questionado como a sociedade pode desvalorizar tanto o papel do pedagogo?

Mergulhada mais profundamente em minha formação inicial de pedagoga, no ano de 2013 participei como bolsista de iniciação científica de um projeto de pesquisa coordenado pela professora Otília Dantas. A pesquisa investigou “O que pensam os jovens sobre a profissão docente?” (DANTAS; OLIVEIRA; 2014). Fizemos um trabalho maravilhoso com alunos de duas escolas públicas da Ceilândia (DF). Tratava-se de investigar a escolha profissional dos alunos e tudo o que influenciava essa decisão. Notei, então, com o decorrer da pesquisa e, principalmente, dos resultados, a importância e a funcionalidade do ato de promover a função e a essência da docência como profissão a ser escolhida, principalmente, na qualidade de mediadora do sucesso escolar.

Com isto encerro esta parte do meu memorial de formação para mergulhar na segunda parte desta monografia. Me deterei em explorar o desenvolvimento e os resultados desta pesquisa, tendo em vista o que vivenciei em minha história de vida, quando da escolha profissional. Finalizo este capítulo reafirmando as palavras da Magda Soares que “[...] é pelo presente que se explica o passado” (1991, p. 21). Isto quer dizer para mim que, somente agora,

revirando o baú da minha história de vida, posso entender, à luz da Pedagogia, cada momento ali vivido como crucial a minha formação profissional.



Parte II – Monografia - O que pensam os jovens sobre a profissão docente: as mediações que ocorrem no ambiente escolar

INTRODUÇÃO

A garantia do sucesso profissional vem muito antes da inserção do sujeito no mercado de trabalho. A escolha profissional é o primeiro passo para um futuro satisfatório e promissor, independente da área e da profissão que será exercida. Hoje em dia, existe uma variedade ampla de opções para a escolha da carreira que desejamos seguir. Temos a oportunidade de escolher entre as áreas e profissões de acordo com nosso perfil, afinidade, talento, personalidade, etc. Mas infelizmente esta oportunidade não é oferecida a toda a população, o que também contribui para a insatisfação do trabalhador, por não ter a opção de escolher e assim ter que aceitar algo que não o satisfaz (parcial ou totalmente) por necessidade de sobrevivência.

Por diversos fatores a inserção no mercado de trabalho está cada vez mais precoce. Antes mesmo de alcançar a maioridade, jovens ainda cursando o Ensino Fundamental e Médio partem em busca de experiências de trabalho, seja por necessidade financeira, ou por desejo e ansiedade pela vida profissional. O Governo Federal tem ofertado oportunidades de emprego, através de diversos programas sociais, que aparentemente visam estabelecer uma ponte entre a Escola e o Mercado de Trabalho, e incentivar o interesse profissional antes mesmo do momento de escolha. Mas o que muitos têm vivido é a decepção de um mercado explorador, insatisfatório e frustrante. O jovem, comumente, ao chegar ao Ensino Médio levanta muitos questionamentos em relação à vida profissional (que profissão seguir, que curso fazer). Geralmente os conflitos ocorrem devido à falta de apoio da escola e da família para auxiliar o jovem nessas questões educacionais e profissionais. O que o jovem deseja é concluir o Ensino Médio e cursar o Ensino Superior, entretanto ainda não tem decidido sobre sua profissão (DANTAS; OLIVEIRA; 2014).

A temática *Escolha Profissional e a profissão docente* é mais complexa do que aparenta, pois não representa uma decisão de caráter momentâneo, mas algo que influenciará, principalmente, o futuro profissional. É comum encontrar cursistas de graduação frustrados por terem percebido que o curso inicialmente escolhido não era aquilo que imaginavam ou esperavam. Há ainda casos piores quando o aluno se conscientiza apenas no final do curso que sua escolha profissional fora errada. Supomos que essa frustração seja decorrente das

influências recebidas antes mesmo da definição da carreira. Para evitar casos como estes, será necessário que o estudante seja esclarecido sobre as opções de cursos para que se sinta confiante pela sua escolha profissional.

Pois bem, essa temática despertou em nós o interesse em desenvolver um estudo com o intuito de contribuir com o pensar sobre a escolha profissional dos jovens e o docente, em especial, para com o percurso do aluno, especificamente do Ensino Médio. Neste sentido, o docente desenvolve seu trabalho proporcionando um contato prévio entre o estudante e a Graduação.

Desse modo, esta pesquisa visa analisar o que pensam os jovens estudantes de Ensino Médio sobre a escolha profissional e a influência da família e dos professores nesta decisão. Especificamente os objetivos tinham como propósito: i. Delinear, a partir do discurso dos estudantes, as contribuições que a escola e a família oferecem para a escolha profissional do jovem estudante de Ensino Médio; ii. compreender as razões que justificam a decisão dos jovens pela docência como profissão.

Para realizar a pesquisa contamos com a colaboração de: Sete alunos bolsistas de Ensino Médio, estudantes das escolas Centro de Ensino Médio 04 (CEM 04) e Centro de Ensino Médio 09 (CEM 09) da Ceilândia, Distrito Federal. (Bruno, Tuany, Elaine, Cristina, Guilherme, Nathália e Caroline); eu na qualidade de aluna de graduação do curso de Pedagogia e bolsista PROIC/ CNPq/ UnB (Mariana); dois professores colaboradores (Alessandra e Marcos Paulo) e a professora coordenadora do projeto (Otília Dantas). O tempo de pesquisa ocorreu entre março de 2013 a junho de 2014 com encontros semanais presenciais na Faculdade de Educação da UnB, às sextas-feiras, no período da tarde.

Ao final do projeto realizamos uma oficina “A escolha profissional: o que pensam os jovens sobre a profissão” com a participação de 80 alunos das escolas de Ensino Médio envolvidas. Os objetivos desta oficina foram: orientar os alunos sobre os métodos de entrada na Universidade e seu funcionamento; abordar as três grandes áreas profissionais (Humanas; Exatas e; Vida); apresentar de maneira prática e simplificada os cursos oferecidos pela instituição; esclarecer dúvidas sobre as áreas e os cursos ofertados e; despertar o interesse pelo ingresso na Universidade. O projeto foi concluído com a análise dos dados gerados pela pesquisa, que aprofundarei no capítulo dois deste trabalho. No primeiro capítulo, abordaremos sobre os conceitos norteadores desta investigação com o fito de iluminar, no capítulo dois, a

parte empírica organizando, concretamente, os resultados e o impacto que a pesquisa provocou nestas escolas, mas, principalmente nos estudantes.

Enfim, requeremos ao leitor um crédito para apresentar-lhe o quão importante e relevante foi este trabalho.

1

A escolha profissional do jovem do Ensino Médio e o seu ingresso na Universidade de Brasília

O presente trabalho é resultado de um estudo realizado sob a coordenação da professora Otília Dantas com apoio do Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília (ProIC) financiado pelo CNPq. A finalidade deste programa foi despertar o interesse pela pesquisa e a vocação científica nos estudantes de graduação, contribuindo com sua formação acadêmica e despertando, também, o interesse em participar de atividades acadêmico-científicas dentro e fora da academia. Para participar o aluno precisa ser selecionado pelo professor, coordenador do projeto. Os requisitos avaliativos são: índice de rendimento acadêmico (IRA) igual ou superior a 3 (três), estar regularmente matriculado no semestre letivo de seu curso e cadastrado na Plataforma Lattes/CNPq. O cursista de graduação ainda tem a chance de ser contemplado com uma bolsa de estudos, durante o período de exercício do projeto, ou seja, doze meses. Uma vez aprovado como bolsista PROIC/UnB deve cumprir alguns requisitos no decorrer do processo tais como: dedicar-se às atividades, apresentar relatórios de acompanhamento, resumo da pesquisa e um trabalho final escrito. O bolsista deve, ainda, apresentar relatórios parcial e final da pesquisa e participar do Congresso Anual de Iniciação Científica o qual é avaliado pelo CAE (Comitê Avaliador Externo). O programa emite certificado de participação e conclusão da pesquisa ao estudante que cumpre com todas as atividades requeridas no edital.

O ProIC representa uma boa oportunidade para aqueles estudantes que desejam aprofundar seu conhecimento, ter um maior contato com determinada área de atuação e nortear a construção de sua carreira profissional, antes mesmo de concluir sua graduação. É uma oportunidade de crescimento e amadurecimento para o estudante que deseja enriquecer sua formação e dedicar-se à pesquisa científica.

Categorias da pesquisa

O **Ensino Médio** é uma fase marcante na vida do estudante. É nesse período que são feitas escolhas importantes que muitas vezes determinam o futuro do aluno e entre elas está a escolha profissional. Entende-se por Ensino Médio, de acordo com o Regimento Escolar das Instituições Educacionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal (DISTRITO FEDERAL, 2009) em seu artigo 68:

O Ensino Médio, em regime anual, é estruturado em 3 (três) séries e tem como objetivo levar ao aluno conhecimentos capazes de torná-lo sujeito transformador, crítico e criativo, baseados nos princípios da estética da sensibilidade, da política da igualdade e da ética da identidade, em conformidade com as seguintes finalidades estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do aluno, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III – o aprimoramento do aluno como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática no ensino de cada disciplina.

O Ensino Médio representa uma parte importante da formação do sujeito. Sua função de cunho social tende a contribuir para a formação do caráter do sujeito não apenas como estudante, mas como cidadão, agente transformador e colaborador no processo de desenvolvimento humano. Neste contexto, a escola deve contribuir em aspecto ético e moral no sentido de fortalecer a responsabilidade social dos estudantes, inclusive como futuros profissionais. Entendemos que, apesar da escolha profissional ser uma decisão pessoal, a escola deve assumir um papel de orientadora para os alunos, de modo que apresente as possibilidades de carreiras profissionais, as instituições que as oferecem, entre elas a universidade, e claro, os caminhos para ingresso nessas instituições.

Do ponto de vista da universidade pública, nos atemos, nesta pesquisa, à Universidade de Brasília (UnB). São várias as opções para quem deseja ingressar na UnB, conforme Regulamentação própria (UNB, 2011), e entre as mais conhecidas está o Vestibular,

a forma mais antiga de ingresso. O processo ocorre no segundo semestre de cada ano e qualquer pessoa que tenha concluído o Ensino Médio, independente de quanto tempo faz, pode participar da seleção. O vestibular é composto por duas provas escritas, elaboradas pela própria universidade e aplicada pelo CESPE (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), avaliando o conhecimento do candidato em Língua Portuguesa e estrangeira, Matemática, Geografia, História, Biologia, Artes, Filosofia, Sociologia, Química e Física. São ofertadas atualmente 4.220 (quatro mil duzentas e vinte) vagas para 97 (noventa e sete) cursos presenciais de graduação.

Outra forma de ingresso é o PAS (Programa de Avaliação Seriada). Este programa foi instituído pela UnB, e reserva 50% (cinquenta por cento) das vagas dos cursos ofertados pela universidade aos alunos oriundos do Ensino Médio. O PAS (UNB,1996) é composto por três avaliações aplicadas no final de cada série do Ensino Médio, avaliando os conhecimentos adquiridos anualmente. Cada avaliação representa uma etapa do processo e a nota final do aluno é dada através da soma das notas de cada prova. Para tanto, são ofertadas 2.110 (duas mil cento e dez) vagas e os candidatos devem estar devidamente matriculados no Ensino Médio regular, seja de escola pública ou particular.

Outra opção para quem deseja cursar o Ensino Superior é o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), que existe desde 1998, mas apenas em 2009 passou a ser forma de ingresso na universidade, tendo como objetivo avaliar o desempenho do estudante e contribuir com a qualidade da educação.

Com isso podemos observar que o estudante de E.M, especialmente da escola pública, tem certa prioridade para ingressar na universidade, o que serve de incentivo para que o aluno prossiga com os estudos, buscando garantia de qualidade de vida e sucesso profissional, ou seja, se preparando para o mercado de trabalho. Mas, enfatizamos a importância do estudante ter um direcionamento acerca da escolha profissional, antes mesmo de iniciar sua vida acadêmica, tendo em vista não frustrar suas expectativas após iniciar a graduação.

A UnB oferece, entre Licenciaturas e Bacharelados, vários cursos presenciais, dentre eles: Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Gestão em saúde, Terapia Ocupacional, Engenharia Automotiva, Engenharia de Energia, Engenharia de Software, Engenharia Eletrônica, Ciências Naturais, Educação do Campo, Gestão Ambiental, Gestão do

Agronegócio, Administração, Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Arquivologia, Artes Cênicas, Artes Plásticas, Biblioteconomia, Ciência da Computação, Ciência Política, Ciências Ambientais, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Ciências Farmacêuticas, Ciências Sociais, Comunicação Organizacional, Comunicação Social, Desenho Industrial, Direito, Educação Física, Enfermagem e Obstetrícia, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil, Engenharia de Computação, Engenharia de Redes de Comunicação, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Engenharia Florestal, Engenharia Mecânica, Engenharia Mecatrônica, Estatística, Filosofia, Física, Geofísica, Geografia, Geologia, Gestão de Políticas Públicas, Gestão em Saúde Coletiva, História, Letras, Matemática, Medicina, Medicina Veterinária, Museologia, Música, Nutrição, Odontologia, Pedagogia, Psicologia, Química, Química Tecnológica, Relações Internacionais, Serviço Social e Turismo. E também oferece cursos a distância: Licenciatura em Artes Visuais, Biologia, Educação Física, Geografia, Letras, Música, Pedagogia e Teatro; e Bacharelado em Administração Pública (UNB, 1996). Podemos constatar que as opções de escolha são muitas, e bem diversificadas, embora muitos desses cursos não sejam conhecidos pelos alunos de E.M e, por vezes, contribui com a decisão insatisfatória. Problema este que poderia ser amenizado com a colaboração da escola e da família em esclarecer os alunos. Segundo Soares (1999, p. 24):

Escolher o que se quer ser no futuro implica reconhecer o que fomos, as influências sofridas na infância, os fatos mais marcantes em nossa vida até o momento e a definição de um estilo de vida, pois o trabalho escolhido vai possibilitar ou não realizar essas expectativas.

Pensar na escolha profissional implica entender o seu significado. Ao descrever o seu sentido nos remetemos ao dom, talento ou vocação. A palavra *dom* significa qualidade inata, algo natural, que já nasce com o sujeito; *talento* significa dom natural ou adquirido; e a palavra *vocação* tem por significado escolha (FERREIRA, 2009). Destarte, para que o sujeito descubra sua vocação é necessário que perceba seu dom o que é de suma importância que a família e a escola incentivem o exercício de seu talento, proporcionando aperfeiçoamento de suas habilidades para exercer a profissão ideal.

Desde o nascimento, os traços que desenham a personalidade do sujeito fazem parte da construção de seu perfil profissional, que, portanto, começa a ser traçado desde a

infância. Analisando este cenário, notamos que a influência familiar está presente desde cedo, nas pequenas escolhas, e interferem na decisão do sujeito, ou seja, ainda que o indivíduo possua um dom, agentes externos atuam diariamente para a definição de seu caráter e de sua personalidade. E mesmo que o jovem reconheça seu talento, não está insensível aos sentimentos que surgem no momento da escolha profissional levando à insegurança; dificultando a decisão e prolongando a angústia gerada pelo medo da escolha errada. É importante ressaltar que, além do sentimento de medo, existe a impulsividade e a euforia, características da juventude, que podem interferir nas expectativas acerca da escolha profissional. Assim como a família, a escola também exerce um papel fundamental, pois representa um ambiente ideal para trabalhar e aperfeiçoar o talento de seu aluno, proporcionando-o oportunidade de desenvolver habilidades e encontrar sua identidade, (re) conhecendo seu dom e descobrindo sua vocação.

A influência familiar e escolar está presente desde cedo se estendendo por toda a vida do estudante. Soares (2002, p 14) em estudos que realizou sobre a temática observou:

[...] um grande número de jovens universitários insatisfeitos com suas escolhas. As universidades federais recebem numerosas solicitações de trancamento de matrícula, troca de curso; além disso, muitas pessoas abandonam o curso. Observei também profissionais de nível superior trabalhando em outras atividades, profissionais desempregados insatisfeitos.

O incentivo para prosseguir os estudos geralmente vem da própria família, que deseja o sucesso profissional e a garantia de estabilidade financeira para que os filhos possam trilhar seus caminhos com êxito. A escola pode colaborar com esta decisão oportunizando ao jovem um cenário social, pela via da transmissão do conhecimento, do mercado de trabalho estimulando-os à escolha profissional.

A média de idade dos alunos de E.M. é de 15 (quinze) a 17 (dezessete) anos, conforme constatado nos questionários. Nessa fase os jovens são fortemente influenciados pela sociedade seja pelas ideias, pensamentos, desejos, vontades, sonhos, relacionamentos e interrogações. Observa-se que a influência mais importante é a da família, afinal, a escola faz parte de uma fase passageira, e amigos também podem mudar com o tempo, mas a família permanece para sempre, e sua opinião é crucial. A escola como parceira tem muito a contribuir com a família e com o aluno podendo esclarecer as dúvidas de ambos acerca da

escolha profissional do estudante, pois possuem ferramentas, espaço e métodos para exercer tal função.

O trabalho é outro conceito relevante para esta pesquisa por entendê-lo numa perspectiva crítica. Antunes (2000, p. 125) considera que:

O trabalho mostra-se como momento fundante de realização do ser social, condição para sua existência; é o ponto de partida para a humanização do ser social e o motor decisivo do processo de humanização do homem.

O trabalho humaniza o homem, entretanto, no mundo capitalista a força de trabalho é tida como mercadoria, ou seja, que tem como finalidade produzir mercadorias. Deste modo, quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir, pois, de maneira distorcida, o trabalho assume um papel de única maneira de sobrevivência, “De uma atividade que fazia parte da vida, o trabalho tornou-se o meio de ganhar a vida.” (SILVA, EVANGELISTA, QUARTIERO, 2012, p.114).

Ao longo da história do mundo ocidental as concepções e significados do trabalho sofreram alterações, submetendo-se ao momento político, econômico e cultural. A partir da Revolução Industrial surge a expressão *emprego*, e o trabalho passa a significar uma relação contratual, cuja força de trabalho é trocada pelo salário. Numa sociedade extremamente capitalista, o trabalho determina o valor do sujeito, pois é através dele que o indivíduo alimenta a falsa ilusão de que não apenas pode oferecer a si mesmo o básico para sua sobrevivência, mas construir sua vida, adquirir bens, sustentar uma família, realizar sonhos e desejos, enfim, viver satisfatoriamente. Além de determinar seu valor, o capitalismo, praticamente, obriga o homem a ingressar no mercado de trabalho o mais rápido possível, seja por necessidade, status, ou qualquer outro motivo. Segundo pesquisas realizadas, “para cada dez jovens brasileiros, sete já iniciaram uma atividade profissional” (SILVA, EVANGELISTA, QUARTIERO, 2012, p.112), isso quer dizer que 70% (setenta por cento) da juventude brasileira já está inserida no mercado de trabalho sem ter definida a sua profissão.

Esta inserção nem sempre se dá por desejo de experiência. Comumente, como nos afirma Soares (2002, p.14), “o trabalho ocupa um espaço muito importante na vida das pessoas e, muitas vezes, ele não é sequer escolhido”. São diversos os motivos que levam o jovem ao mercado de trabalho, entre eles a necessidade financeira, que é também um dos

principais fatores que causam a insatisfação profissional. Para o jovem, é importante trabalhar, não importa se ele tem afinidade com o tipo de trabalho ofertado. Há um dito popular em que se afirma que “o trabalho dignifica o homem!”, frase que também exerce pressão, principalmente sobre os rapazes, que são precocemente cobrados no que diz respeito à sua vida profissional e financeira. Há também casos de estudantes que não tem interesse nenhum em ingressar na universidade, simplesmente por não gostar de estudar ou por ter outros sonhos de carreiras profissionais que não exijam formação acadêmica. O fato é que, por diversos motivos, são inúmeros os exemplos de trabalhadores insatisfeitos com a função que exercem, sendo eles graduados ou não.

O homem começa a construir sua identidade desde a infância, por meio da interação entre personalidade e influências externas. Mas a identidade profissional custa a se delimitar devido ao desenvolvimento social, cognitivo e físico que o homem terá de alcançar ao longo do caminho até encontrar sua vocação. A impressão de que a identidade somente está totalmente definida quando a profissão fizer sentido às indagações como: Para que foi que eu nasci; Quem sou eu pudesse ser definido por o que eu faço ou Qual profissão eu exerço. “[...] estamos tomando a identidade profissional como um tipo de identidade social.” (GALINDO, 2004 p.16), e é a partir desta percepção que os conflitos e dúvidas do jovem aluno de E.M. ganham ênfase, pois ele entende que para ser importante terá que exercer uma profissão de sucesso. Não existe profissão de sucesso, e sim, profissional de sucesso. É a partir deste pensamento que estes alunos devem ser orientados acerca de sua identidade profissional.

O dilema dos jovens acerca de sua identidade profissional, provavelmente, sempre vai existir. Minha intenção é sugerir que escola e a família tornem-se parceiras apoiando e esclarecendo o aluno acerca deste dilema. Geralmente os pais e os professores exercem um papel negativo, ou seja, incita-os a desejarem profissões apenas pelo status que ocupa na sociedade sem valorizar os talentos desses jovens. Muitas vezes, quando falamos de vida profissional, temos a tendência de pensar somente na satisfação financeira que possibilita estabilidade e esquecemos-nos da principal satisfação de ser feliz realizando a profissão escolhida. É preciso romper com preconceitos e entender a profissão, seja ela qual for, como garantia de sucesso.

É comum presenciar situações em que as pessoas desvalorizam profissões como a Pedagogia, Psicologia, Artes, Filosofia, Sociologia, dentre outras. Em contrapartida, profissões

como Ciências Jurídicas, Medicina, Engenharia e Química representam o suprasumo da escolha profissional, cujo principal motivo é salário alto e estabilidade financeira, o que, ao contrário do que prega o senso comum, pode ser alcançado por qualquer profissão que se exerça com dedicação e excelência.

Comumente, o jovem é influenciado, principalmente se vier de familiares, professores e amigos, o que é positivo. Se ele escuta uma opinião positiva sobre a carreira que deseja seguir, sua escolha será fortalecida e ele se sentirá motivado a seguir em frente. Entretanto, se a orientação sobre sua escolha não for acertada, o jovem poderá ser influenciado por algo que não lhe satisfaz para agradar principalmente aos pais e para não ser discriminado pela escola e pela sociedade.

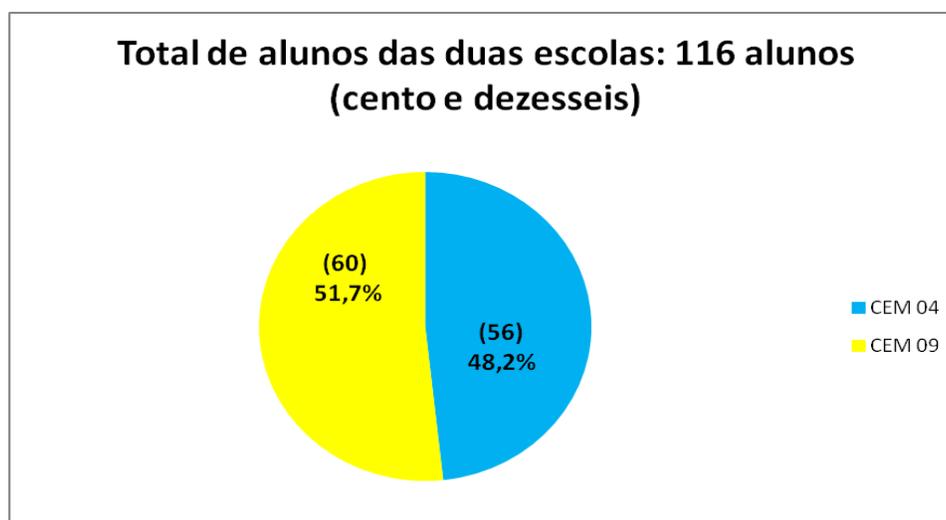
Encerramos este capítulo sem qualquer pretensão de afirmarmos que a influência familiar e escolar é indispensável para a decisão do aluno por sua escolha profissional. Acreditamos, no entanto, que parceria e apoio contribuem, significativamente, para a realização da escolha certa evitando decepções e frustrações no futuro. Para isso, defendemos a ideia de que se estabeleça uma política de acompanhamento pedagógico na escola capaz de auxiliar os alunos de E.M em sua escolha profissional, e que escola e família atuem como parceiros e agentes motivadores na decisão do estudante em busca de uma carreira profissional de sucesso. Entretanto, o que os estudantes pensam sobre a escolha profissional? E quais os verdadeiros responsáveis por esta formação?

2

O discurso dos jovens sobre a escolha profissional e como se delinea a docência

No ano de 2013, participei de uma pesquisa coordenada pela minha orientadora Otilia Dantas. Eu era bolsista ProIC/UnB e acompanhava 7 bolsistas ProIC-Ensino Médio, estudantes de 2 escolas públicas do DF (CEM 04 e CEM 09) junto com minha orientadora. A pesquisa de cunho qualitativo com alunos de Ensino Médio das escolas CEM 04 e CEM 09 da Ceilândia, visava saber o que esses jovens pensam sobre a escolha profissional, descobrir e analisar as escolhas, dúvidas, opiniões e dilemas de cada participante, perceber suas preferências e o que pensam sobre a docência como profissão refletindo sobre as contribuições da família e da escola quanto a esta decisão. O grupo participante desta pesquisa foi formado por 116 (cento e dezesseis) sujeitos da pesquisa, divididos entre as turmas de 1º, 2º e 3º anos do E.M regular, como nos mostra o gráfico 1.

Gráfico 1. Total de alunos por escola



Fonte: Pesquisa PROIC-EM, 2013.

Para desenvolver a pesquisa utilizamos um questionário (anexo A) elaborado pelo grupo de pesquisadores ProIC-EM, eu como bolsista de iniciação a pesquisa (ProIC), uma professora colaboradora (CEM 09) e a coordenadora da pesquisa, minha orientadora, como citado anteriormente.

O questionário foi aplicado online (gerado no google drive) e elaborado em duas partes. A primeira refere-se ao “Termo de consentimento e livre esclarecimento” que, uma vez aprovado, o respondente era conduzido à segunda parte (as questões propriamente ditas). A segunda parte, constituída de 28 questões de múltipla escolha ou questões abertas e fechadas que complementavam a questão anterior de múltipla escolha.

Procuramos saber sobre: as áreas que os jovens estudantes do Ensino Médio demonstram mais interesse; o nível de relacionamento dos alunos; as suas habilidades mais desenvolvidas; como os alunos se definem; o que sabem sobre a profissão que pretendem exercer; as motivações para a escolha do curso superior; a influência da família na escolha profissional; entre outras.

Analizamos os dados gerados pelo questionário aplicado, e através deles pudemos constatar fatos que confirmam as suposições e afirmações relatadas no referencial teórico deste trabalho. A seguir, selecionamos os dados que acreditamos significar maior relevância para este trabalho e apresentamos, de modo reflexivo, os resultados.

Dos alunos que participaram desta pesquisa, 65,5% são do gênero feminino (65,5%), enquanto o masculino representa 34,4%.

Quanto à escolha do curso que pretendem fazer, inferimos que a maioria dos estudantes já fez sua escolha, porém, dos 25 alunos que ainda não se decidiram, 10 são estudantes do 3º ano, 11 alunos são do 2º ano e apenas 4 são estudantes do 1º ano. Dos 116 respondentes, 46 são do 3º ano, 50 são do 2º ano e apenas 20 estudantes são do 1º ano. Em porcentagem, isso significa (tabela 1):

Tabela 1. Volume de alunos indecisos quanto a escolha profissional de acordo com ano/série

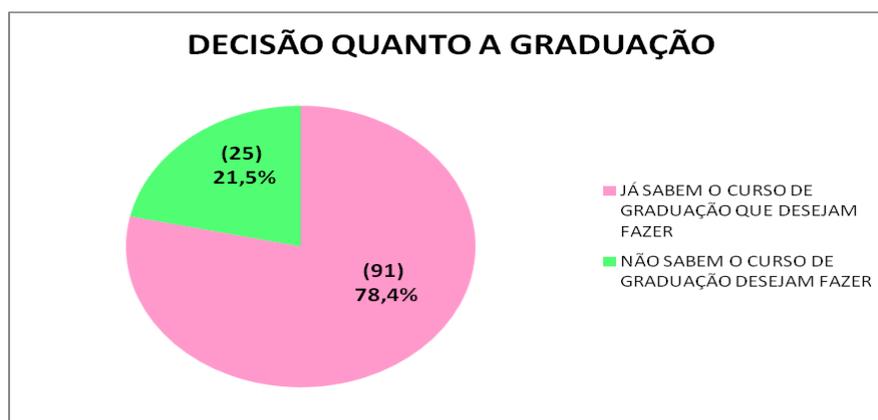
Série	Total de alunos	% de indecisos
1º ano	20	20%
2º ano	50	22%
3º ano	46	21,7%

Fonte: Pesquisa PROIC-EM, 2013

Neste sentido, apesar do número maior de alunos, constatamos que a maioria dos indecisos está nos anos finais do E.M. (Gráfico 2). É um dado curioso, pois a lógica seria que a dúvida predominasse no início do E.M., ao contrário do que a pesquisa nos mostra. Essa informação confirma a provável ausência do apoio familiar e escolar, pois se ao cursarem o 3º

ano estes alunos ainda não se decidiram, uma das causas pode ser falta de informação ou orientação, o que constataremos mais a frente. De imediato, o que podemos inferir que a probabilidade desses alunos se decidirem pela escolha errada é grande, pois sua decisão será tomada no último momento, podendo resultar em insatisfação profissional. É interessante destacar ainda que entre os 10 alunos do 3º ano que não se decidiram, 4 se interessam pela área das *exatas*, 2 pela área da *vida* e 4 pela área das *humanas*.

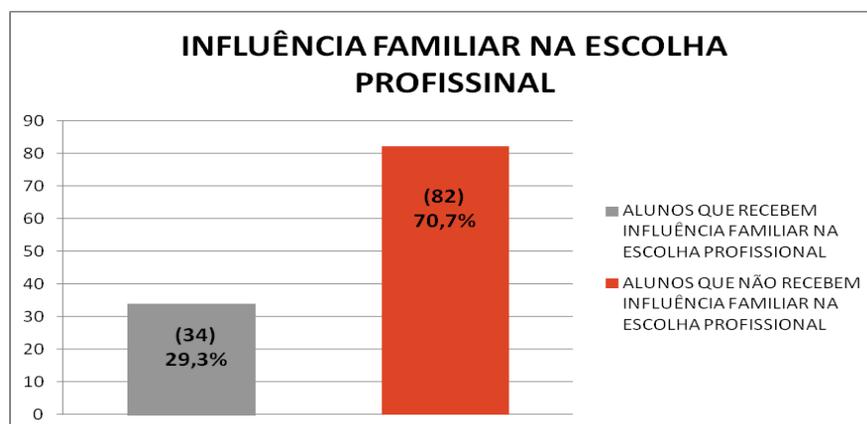
Gráfico 2. Decisão quanto a graduação.



Fonte: Pesquisa PROIC-EM, 2013.

Procuramos saber sobre a influência que a família (Gráfico 3) exerce na escolha profissional desses alunos, para compreender se existem e como são realizadas as mediações acerca desta decisão. E para confirmar as perspectivas que apontamos anteriormente, os dados nos mostram que, em sua maioria, a família não tem participado deste momento tão importante na vida do aluno.

Gráfico 3. Influência familiar na escolha profissional.



Fonte: Pesquisa PROIC-EM, 2013.

Como podemos observar, de acordo com o gráfico 3 são poucos os alunos que recebem apoio familiar para definir sua carreira profissional. E dessa minoria, 11,7% recebe influência negativa, ou seja, os pais não apoiam a escolha do aluno; 23,5% recebem influência positiva, os pais apoiam e incentivam e; 18,9% os pais demonstram imparcialidade.

Dos pais que apoiam a decisão do filho encontramos os seguintes argumentos dos alunos entrevistados:

Meus pais sempre me incentivaram a seguir meu sonho e então eles colaboram com isso, me ajudando a escolher corretamente e a estudar sobre a carreira que pretendo seguir. (Aluno 001)

Eles apoiam meus estudos e minhas decisões [...]. No entanto, não impõe nenhuma carreira para que eu siga (a escolha é minha). Desejam o meu melhor. (Aluno 004).

No discurso do Aluno 001 percebemos que os pais apoiam sua escolha, porém, quando questionado sobre o motivo de sua decisão, notamos em sua resposta que existe uma influência implícita: “Direito, sempre foi meu sonho e minha escolha desde os primórdios. Quero me destacar entre os juízes”. Assim, fica o questionamento: se a escolha desse aluno fosse por uma profissão de menor prestígio social, seus pais o apoiariam? Percebemos que se trata, neste caso, de interesse pelo prestígio social que tal profissão dissemina. O relato do Aluno 004 reafirma o que abordamos no capítulo anterior – a família e a escola devem participar e orientar os alunos, mas a escolha é feita por ele mesmo, pelo jovem, de acordo com sua vontade. Apesar dos pais influenciarem positivamente, o aluno ainda não fez sua escolha.

Entretanto, há outro conjunto de pais que determina a escolha profissional do filho ou lhe deixa dúvida causando apreensão por partes destes jovens estudantes. Vejamos:

Meu pai acha que artes cênicas é perda de tempo. Minha mãe me apoia. Meu irmão fala que é besteira. (Aluno 002).

Mesmo sem querer, algumas vezes eles acabam falando coisas como: "se eu tivesse a sua idade e suas oportunidades eu cursaria direito". Talvez isso seja o que mais tenha me motivado. (Aluno 007).

Meu pai gostaria que eu fosse advogada, ele não me obriga, mas desfaz da área que eu pretendo seguir (exatas), já a minha mãe me apoia bastante. (Aluno 008).

No discurso do Aluno 002 denota-se certo preconceito do pai e do irmão em relação ao curso, Artes Cênicas, observando apoio apenas da mãe deste aluno. Neste momento já começam as frustrações do jovem, pois a opinião da família importa muito no momento da escolha e comentários como estes desanimam, desestimulam e geram dúvidas.

O Aluno 007 nos mostra que o discurso dos pais influencia na escolha pela profissão, já explicitando o curso desejado por eles, Direito. O curioso é que o aluno ainda não se decidiu, fato que demonstra a certeza dos pais e a dúvida do aluno. Na fala do Aluno 008, percebemos que mais uma vez o curso de Direito é o preterido entre os pais, e que, neste caso, não é o que o aluno deseja, pois em relação à profissão que pretende exercer sua resposta foi: “Professor(a) de matemática ou engenheiro(a), porque gosto de exatas e também gosto de ensinar” (Aluno 008).

Por último, no relato do Aluno 009, confirmamos outra concepção descrita no capítulo anterior, onde afirmamos que por diversos fatores a inserção do jovem no mercado de trabalho está cada vez mais precoce. O argumento dos pais deste aluno demonstra a ansiedade para que o filho inicie sua carreira profissional preparando-se o mais depressa para ela.

Dos alunos que não recebem influência familiar, apenas 10% ainda está indeciso em relação a sua escolha profissional, enquanto para os alunos que recebem influência, o percentual de indecisos é de 36,3%, o que confirma mais uma vez que, embora o apoio da família seja importante, não é o que define a escolha profissional do jovem estudante. Vejamos alguns relatos dos estudantes que recebem influência de seus familiares:

Uma tia é professora, e vejo sua dedicação pelos alunos, e isso me motiva.
(Aluno 002)

Alguns cursos eles tem preconceitos, já em outros mais conhecidos ele não têm.
(Aluno 003)

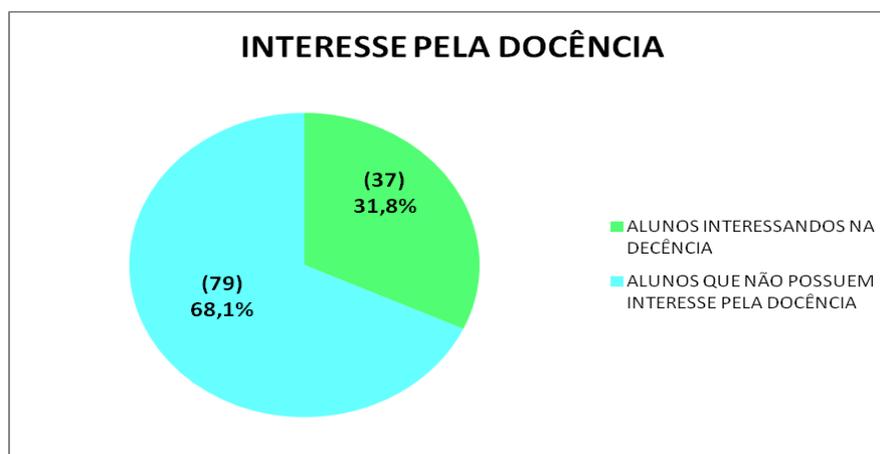
Analisando a resposta do Aluno 2 notamos uma situação especial, em que nos remete à influência através do exemplo. É importante que este aluno perceba o comportamento e a dedicação de um familiar ao exercer sua profissão, o que demonstra satisfação e realização profissional, servindo de exemplo aos outros. Esta resposta foi uma das mais surpreendentes desta pesquisa, pois, além de ser o único relato que cita o “exemplo” como motivação,

comumente encontramos profissionais insatisfeitos com o que fazem. Diante desse cenário, observar um relato como o desse aluno nos traz a esperança de mudança, desenvolvimento e progresso na educação, pois um professor satisfeito reflete um aluno satisfeito, que por sua vez se tornará um profissional de excelência, independentemente de sua profissão.

Na resposta do Aluno 3, por exemplo, notamos explicitamente um preconceito por parte da família em relação à opção do estudante pela docência. Podemos observar a ligação entre *sucesso, reconhecimento e fama* que os pais demonstram ao sugerir cursos como Direito, ou demonstrar preconceito pelos cursos que não conhecem.

Vale salientar que 31,8% dos alunos pesquisados recebem influência da família sobre a escolha profissional pela docência (Gráfico 4). Trata-se de um percentual significativo tendo em vista que os respondentes citaram 31 profissões diferentes da docência. Dividindo os 68,1% dos interessados por outras 31 profissões pode-se inferir uma média de 2,2% para cada curso, o que torna a docência a profissão preteridas pelos jovens estudantes do Ensino Médio.

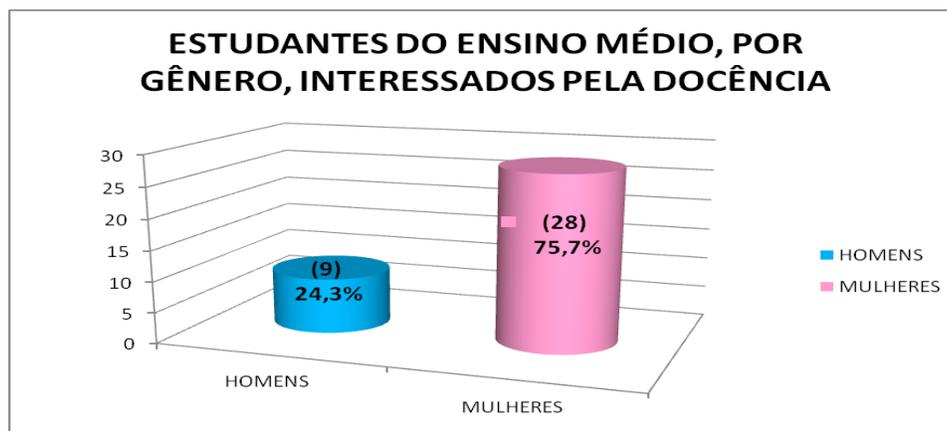
Gráfico 4. Interesse pela docência



Fonte: Pesquisa PROIC-EM, 2013.

Destaca-se ainda que dos interessados pela docência, 75,7%, é do gênero feminino (Gráfico 5) o que reafirma a feminilização da docência. A propósito, encontramos inúmeros estudos (CARVALHO, 1998; CATTANI, 1997; LOURO, 2001, dentre outros) que retratam a mulher professora, especialmente na história da educação brasileira.

Gráfico 5. Estudantes do Ensino Médio, por gênero, interessados pela docência.



Fonte: Pesquisa PROIC-EM, 2013.

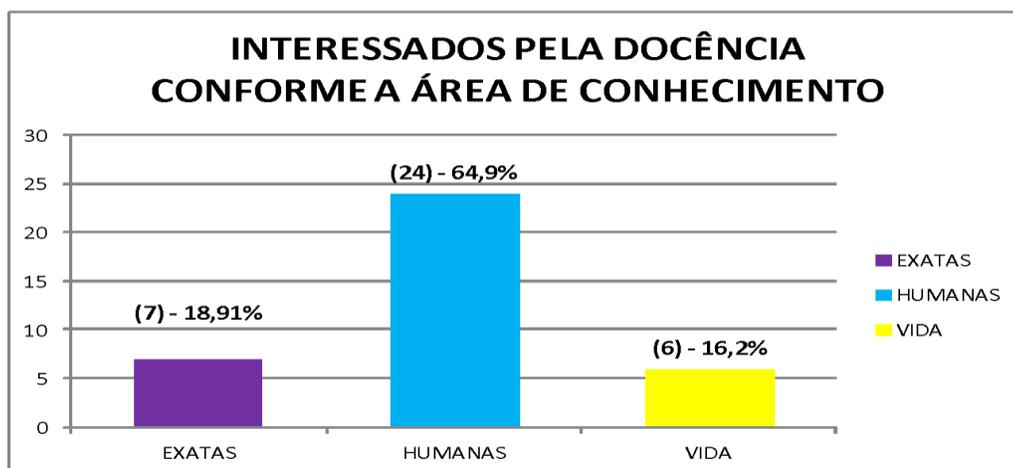
Segundo Hilsdorf (1999, p. 84):

No ensino desenvolvido sob a responsabilidade do Estado, no Brasil, a docência feminina nasce no final do século XIX relacionada, especialmente, com a expansão do ensino público primário. Nos últimos anos do Império, sobretudo a partir de 1860, mulheres assumem a função de professoras, fazendo parte do quadro de funcionárias públicas em várias províncias. Em grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro a presença feminina no magistério público primário ganhou destaque. No estado de Minas Gerais, elas representam 50% do corpo docente já no final do século XIX. No Estado de São Paulo, o acesso efetivo das mulheres às Escolas Normais para a formação de professores e professoras deu-se entre 1875 e 1880 com a criação de uma seção feminina.

A feminilização da docência está ligada ao discurso machista de submissão e “fragilidade” da mulher ao desprestígio da profissão docente, sempre considerada como uma profissão menor e de pouco valor social.

Também questionamos sobre as áreas preteridas para atuação docente. Para 32,4% dos jovens estudantes a Matemática está entre as três disciplinas escolares preferidas. A Língua Portuguesa 24,3%, e a Física lidera o ranking, sendo a área de maior interesse dos 59,4% destes jovens. Organizando este pensamento nas três grandes áreas do conhecimento, 18,9% desejam atuar na docência no âmbito das Ciências Exatas, 64,9% nas Humanas e 16,2% nas Ciências da Vida. O gráfico 6 retrata este dado.

Gráfico 6. Interesse pela docência conforme a área de conhecimento.



Fonte: Pesquisa PROIC-EM, 2013.

Procuramos saber de todos os participantes desta pesquisa o que eles esperam e pretendem em suas carreiras profissionais. Para a maioria dos estudantes, o dinheiro está entre os principais objetivos da carreira profissional, representado por 34,5%. Para 9,5% o dinheiro e a aquisição de bens é a sua meta. Porém, 23,3% pretendem alcançar satisfação e realização com a carreira profissional. Para 10,3% a experiência profissional fornecerá conhecimento, estando em meio as suas principais pretensões com a carreira. O gráfico 7 explicita melhor estes dados.

Gráfico 7. O que pretende com a carreira profissional.



Fonte: Pesquisa PROIC-EM, 2013.

Concluimos que a docência ainda é alvo de preconceitos e receios, principalmente no que se refere a reconhecimento e prestígio social. É dominada pela preferência feminina, e pela área das Ciências Humanas. A maioria dos alunos que se interessa pela profissão docente

não recebe influência familiar. Ao contrário, quando existe, esta é, predominantemente, negativa e carregada de preconceitos e falta de conhecimento. Entendemos, no entanto, que se a escola, conforme reza a LDB sobre as finalidades do Ensino Médio citadas no início desta monografia, assumir esta condição de preparar o jovem no sentido de orientá-los para a escolha profissional trazendo a família para ajudar a dialogar com estes jovens, sua escolha profissional será menos sofrida e mais proveitosa, tendo em vista que possibilitará ao pré-universitário uma escolha mais consciente e próxima da realidade social em que se encontra a partir do domínio de suas habilidades e saberes visando a sua emancipação social.

Considerações finais

Quando o assunto é escolha profissional, não há como estabelecer um critério ou uma ferramenta para determinar instantaneamente qual é a profissão ideal. Para chegar a essa decisão percorre-se um longo caminho, que começa a ser trilhado na infância, e pode sofrer diversas mudanças durante o processo. No decorrer deste caminho ocorrem mediações sociais realizadas pelos sujeitos que fazem parte da vida do aluno, e que propositalmente ou não, influenciam em sua decisão. É de suma importância que o aluno sinta-se apoiado, principalmente por sua família, e também pela escola, que são os dois grupos sociais mais influentes no que se refere à escolha profissional.

Como objetivos principais desta pesquisa, buscamos saber quais as contribuições da escola e da família no que se refere à escolha profissional dos jovens estudantes de E.M. e as causas que levam esses alunos a optarem pela docência como profissão. A partir da análise dos dados gerados pela pesquisa realizada percebemos que, em sua maioria, os alunos não recebem muito apoio e influência familiar, o que dificulta a decisão pela escolha profissional. Entre a minoria que recebe apoio, encontramos casos negativos, embasados em divergências de opinião entre pais e filhos, preconceitos da família por profissões pouco conhecidas ou “mal” remuneradas ou anseio por reconhecimento social e sucesso financeiro.

Ao contrário, percebemos que o apoio familiar, através do exemplo de um profissional satisfeito, gera no estudante o interesse e a expectativa de realização profissional. Ou seja, confirmamos o que o referencial teórico nos embasara nesta pesquisa que há importância no apoio familiar no processo da decisão que é naturalmente regado por dúvida, medo e expectativa em que se encontra o jovem estudante de E.M.

Mas apesar da influência familiar ser importante para ajudar o estudante a definir sua escolha, constatamos que apenas 10% deles ainda não se decidiu, mostrando que o apoio familiar não é indispensável. Todavia, sabemos que essa ausência de participação da família pode vir a refletir mais tarde, na possível situação de uma frustração ocasionada pela escolha do curso errado.

Vale salientar que não questionamos diretamente sobre o apoio e influência escolar aos alunos, mas ao analisar e cruzar algumas respostas podemos inferir que no caso destas escolas há um apoio especial. Inferimos que as disciplinas escolares de preferência dos

alunos, em sua maioria, sinalizam a preferência do curso de graduação que o aluno pretende realizar. Isso significa que as escolas referidas vêm cumprindo seu papel em estimular o interesse dos alunos por disciplinas como, por exemplo, Física e Matemática, e que seu quadro de professores tem exercido essa função com responsabilidade e dedicação.

A ocorrência de que 80% dos alunos não receber influência familiar, e cerca de 79% já definiu sua escolha, também nos permite apontar que de alguma forma as escolas tem orientado seus alunos. Outro fato que nos permite inferir o apoio escolar, é que as duas escolas pesquisadas abraçaram este projeto da pesquisa, abrindo as portas para a universidade estabelecer um contato constante com os alunos do E.M., oportunizando-os a chance de esclarecer dúvidas e conhecer novas áreas e cursos ofertados pela UnB através da oficina por nós ministrada. Ao serem questionados sobre as expectativas da futura profissão, a maioria dos estudantes respondeu que anseia por independência financeira e satisfação profissional. Inferimos então, que a estabilidade financeira está em primeiro lugar na lista de objetivos a serem alcançados através da vida profissional, seguida pelo sentimento de realização por exercê-la. Sendo assim, consistem nos principais agentes motivadores que definem a escolha profissional.

No que se refere à escolha pela docência, percebemos que há um significativo interesse por parte do grupo analisado, tendo em vista haver preconceito por parte da família considerando a docência uma profissão pouco reconhecida e popularmente avaliada como “mal” remunerada. Como os pais desejam que os filhos tenham independência financeira e reconhecimento profissional, não apoiam (em sua maioria) a escolha pela docência. Porém, percebemos também que isso não impede ou altera a escolha dos alunos, que predominantemente está em busca de independência financeira em conjunto com satisfação profissional. Inferimos também que a docência é uma profissão predominantemente feminina e que a área de mais interesse dentro das licenciaturas é a das Ciências Humanas. As análises nos fazem concluir, também, que um dos principais fatores que influenciam a escolha pela docência é o exemplo de profissionais que trabalham na área que se sentem realizados e satisfeitos com o exercício da profissão.

Esta pesquisa nos permitiu enxergar três pilares de sustentação que contribuem com o estudante do Ensino Médio no momento de sua escolha profissional: família, escola e professor. E estes três pilares devem funcionar, no nosso entendimento, em conjunto, focando

no mesmo ângulo disponibilizando aos estudantes incentivo, colaboração, esclarecimento e confiança para que estes decidam sobre o seu futuro profissional. É necessário que se compreenda que o sucesso profissional não é determinado pela profissão, e sim por quem a exerce, como afirmamos anteriormente de que não existe profissão de sucesso, e sim, profissional de sucesso. É a partir deste pensamento que estes alunos devem ser orientados acerca de sua identidade profissional. Infelizmente também pudemos perceber que esse apoio e colaboração, principalmente em conjunto, não acontecem dificultando a decisão do aluno, fortalecendo a indecisão e colaborando para a escolha pelo curso errado e, conseqüentemente, pela futura insatisfação.

Consideramos que a pesquisa atingiu seu objetivo, pois participar deste projeto despertou em nós, o interesse pela investigação científica contribuindo, significativamente, para a nossa formação acadêmica, orientando-nos para a definição do tema deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e, sobretudo a curiosidade sobre a temática enriquecendo a conclusão do curso ora concluído.

A pesquisa foi importante por oportunizar aos estudantes do Ensino Médio envolvidos conhecer o ambiente, as instalações, o cotidiano e o funcionamento da Universidade de Brasília. Proporcionando esta interação, além de enriquecer o currículo do estudante, a instituição aproxima o estudante do Ensino Médio e incentiva seu interesse pelo ingresso na Universidade.

Concluindo o TCC constatamos a importância da realização desta pesquisa para a conclusão da minha caminhada acadêmica de graduação. Por meio deste trabalho finalmente consegui me encontrar profissionalmente, enxergando outras possibilidades de atuação, em que como profissional eu possa colaborar com ideias, projetos e ações que promovam melhoria no ambiente educacional e na vida dos sujeitos que o compõe. Observando todo este cenário através de um olhar pedagógico. Ultimamos, enfim, que é necessário e urgente se estabelecer um projeto de apoio na escola, unindo família, professores e alunos, em busca de ampliar o conhecimento acerca das opções profissionais, responder as dúvidas e questionamentos do aluno e da família, incentivar o interesse do aluno por continuar os estudos e promover satisfação e sucesso no âmbito da carreira profissional.

Perspectivas Profissionis

Com este trabalho de conclusão de curso, pudemos refletir sobre a carreira docente, seu significado e, principalmente, seu objetivo. Pensar na chegada à graduação, o caminho percorrido e os passos para o futuro, ou seja, o que fazer com todo conhecimento e experiência adquirida ao longo destes cinco anos. Não há como dizer com toda certeza o que acontecerá daqui para frente, ou o que será realizado daqui há cinco ou dez anos. O que é possível afirmar é a convicção de ter feito a escolha certa. A paixão pela educação, crescer e amadurecer dentro do ambiente universitário; conhecer pessoas maravilhosas, profissionais de excelência. E são nestes profissionais que queremos nos inspirar, com o objetivo de exercer a Pedagogia com dedicação, respeito, responsabilidade, honestidade e, sobretudo, com amor. A satisfação de ter a certeza de ter escolhido a carreira certa, ainda que no decorrer da caminhada tenhamos que nos deparar com algumas frustrações, barreiras, dificuldades e decepções, compensa todo o esforço e dedicação durante esse período. E se diante de todas as dificuldades, hoje, podemos olhar para trás e ver que vencemos todas elas, nos damos ao privilégio de alimentar a esperança de uma carreira de sucesso, que traga satisfação em ter a honra de exercer um papel social tão importante que não se resume em ser simplesmente professora, mas de ser colaboradora na formação do caráter de sujeitos que refletem a imagem do futuro, assumindo a responsabilidade de educar, promovendo desenvolvimento e crescimento pessoal e social de futuros profissionais e agentes transformadores da sociedade em que estão inseridos. Nossas perspectivas futuras? Exercer com excelência e colher os frutos da escolha profissional dando continuidade a formação mediante estudos *stricto senso*.

Referências

- ANTUNES, R.. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** nº 9394/96. Brasília: 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2014
- CARVALHO, M. P. de. Vozes masculinas numa profissão feminina. In: **Revista Estudos Feministas**. vol. 6, n. 2. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ. 1998.
- CATTANI, D. et al. (Org.). **Docência, memória e gênero:** Estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997.
- CENTRO DE SELEÇÃO E DE PROMOÇÃO DE EVENTOS (CESPE).** Disponível em: <http://www.cespe.unb.br/pas/PAS_oque.aspx>. Acesso em: 10 jul. 2014.
- DANTAS, O.M.A.N. **As relações entre os saberes pedagógicos do formador na formação docente.** Natal: UFRN, 2007.
- DA SILVA, M. M.; EVANGELISTA, O.; QUARTIERO, E. M.. **Jovens, trabalho e educação:** Conexão subalterna de formação para o capital. Campinas, SP: Mercado Letras, 2012.
- DISTRITO FEDERAL. **Regimento Escolar das Instituições Educacionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.** Brasília: Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Distrito Federal - SEEC/DF. 2009.
- FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário Aurélio da língua Portuguesa.** 7. ed. Rio de Janeiro: Positivo, 2009.
- GALINDO; W. C. M. A Construção da Identidade Profissional Docente. In: **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, ed. 24. Ano 02. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n2/v24n2a03.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2014.
- HILSDORF, M. L. S.. **Tempos de escola:** fontes para a presença feminina na educação, São Paulo – século XIX. São Paulo: Plêiade, 1999.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP).** Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/>>. Acesso em: 02 set. 2014.
- LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: **História das mulheres no Brasil.** Del Priore, Mary (org.). 5. ed. São Paulo: Contexto. 2001.

MARAFON, M. R. C. **Pedagogia Crítica: Uma metodologia na construção do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, M. P. F. O que pensam os jovens sobre a profissão docente: as mediações no ambiente escolar. In: **20º Congresso de Iniciação Científica da UnB. 11º Congresso de Iniciação Científica do DF**, 2014, Brasília.

SOARES, D. H. P. **O jovem e a escolha profissional**. Porto Alegre: Grupo Editorial Summus, 2002.

SOARES, M. **Metamemória-memórias: Travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 1990.

TATTO, F.; SCAPIN, I. J. Matemática: Por que o nível elevado de rejeição?. In: **Revista de Ciências Humanas [Online]**, v.5, n.5, 2004.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Projeto político pedagógico institucional da Universidade de Brasília**. 2011. Disponível em:
<http://www.unb.br/administracao/decanatos/deg/downloads/coord_ped/PPPI%20UnB.pdf>. Disponível em: 10 ago. 2014.

_____. **Estatuto e regimento geral**. 2011. Disponível em:
<http://www.unb.br/unb/transparencia/downloads/regimento_estatuto_unb.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014.

_____. Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação - DPP. **Edital do Programa de Iniciação Científica 2013-2014 da Universidade de Brasília**. Disponível em:
<<http://www.unb.br/administracao/decanatos/dpp/dific/croedires.html>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. **Formas de Admissão**. Disponível em:
<http://www.unb.br/estude_na_unb/formas_de_admissao>. Acesso em: 10 ago. 2014.

_____. **Cursos Presenciais**. Disponível em:
<http://www.unb.br/aluno_de_graduacao/presenciais>. Acesso em: 10 ago. 2014.

_____. **Cursos à distância**. Disponível em:
<http://www.unb.br/aluno_de_graduacao/cursos_a_distancia>. Acesso em: 10 ago. 2014.

Anexo

O dilema dos jovens acerca de sua identidade profissional. Questionário PROIC-EM

Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação (DPP)

Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília (ProIC/UnB)

Faculdade de Educação (FE)

*Obrigatório



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa "O dilema dos jovens acerca de sua identidade profissional ". Esta investigação faz parte da pesquisa realizada pelo grupo de bolsistas do PROIC-EM/UnB, coordenada pela professora Otilia Dantas. O objetivo deste estudo é analisar o que pensam os jovens estudantes de Ensino Médio sobre a profissão docente e como e quando os professores e a família influenciam nesta decisão. Sua participação nesta pesquisa consistirá em: coleta de forma online por meio de um questionário. São perguntas, em sua maioria de múltipla escolha. Abaixo há a pergunta se aceita participar desta pesquisa, em caso afirmativo, o pesquisado cederá os direitos ao pesquisador para o uso das informações que serão analisadas na pesquisa, bem como as publicações advindas desse processo. A qualquer momento você pode desistir de participar. Para isso apenas não aperte no botão "Enviar" ou "Submit" pois desta forma os dados não serão salvos. Sua recusa não trará qualquer prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. As informações obtidas serão analisadas em conjunto pelos pesquisadores, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. Para qualquer esclarecimento, seguem os contatos das pesquisadoras: Otilia Dantas (otiliadantas@unb.br); Alessandra Lisboa (projetooolimpiadascem09@gmail.com); Marcos Alberto; Marcos Paulo.

Escola onde estuda:**Marcar apenas uma oval.*

- Centro de Ensino Médio 09 de Ceilândia
- Centro de Ensino Médio 04 de Ceilândia
- Colégio Militar D. Pedro II
- Centro Educacional 01
- Outro:

Ano que cursa:**Marcar apenas uma oval.*

- 1° ano do Ensino Médio
- 2° ano do Ensino Médio
- 3° ano do Ensino Médio

Sexo**Marcar apenas uma oval.*

- Feminino
- Masculino

Idade**Marcar apenas uma oval.*

- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- De 20 a 25

Endereço:**Escolha as 3 disciplinas escolares que você mais gosta:****Marque todas que se aplicam.*

- Artes

- Língua Portuguesa
- Geografia
- Matemática
- Física
- Química
- Biologia
- Educação Física
- Filosofia
- História
- Inglês
- Espanhol
- Sociologia

Escolha as 3 disciplinas escolares que você tem mais facilidade:*

Marque todas que se aplicam.

- Artes
- Língua Portuguesa
- Geografia
- Matemática
- Física
- Química
- Biologia
- Educação Física
- Filosofia
- História
- Inglês
- Espanhol
- Sociologia

Escolha as 3 disciplinas escolares que você tem o melhor desempenho:*

Marque todas que se aplicam.

- Artes
- Língua Portuguesa
- Geografia
- Matemática
- Física
- Química
- Biologia
- Educação Física
- Filosofia
- História
- Inglês
- Espanhol
- Sociologia

Escolha as 3 disciplinas escolares que você tem mais dificuldade:*

Marque todas que se aplicam.

- Artes
- Língua Portuguesa
- Geografia
- Matemática
- Física
- Química
- Biologia
- Educação Física
- Filosofia
- História
- Inglês
- Espanhol
- Sociologia

Gosto mais de atividades escolares em:

Marcar apenas uma oval.

- Ambiente fechado
- Ambiente aberto

Qual a média de pessoas com que você se relaciona na escola: *

Marcar apenas uma oval.

- Até 5 amigos
- Até 15 amigos
- Mais de 15 amigos

Tenho mais habilidades:*

Habilidade é a competência de um sujeito para a realização de um determinado objetivo: Espaciais/visuais (fazem sentido do que os olhos veem, como leitura, recorte e desenho). Naturalista (sensibilidade para compreender e organizar os objetos, fenômenos e padrões da natureza, como reconhecer e classificar plantas e animais). Corporal (controlar e orquestrar movimentos do corpo, como na dança e no teatro). Musicais (compor e executar padrões musicais, como ler partituras, cantar e tocar instrumentos). Verbais (dominar e gostar de idiomas e palavras, como criar poesias, escrever contos e saber se comunicar em vários idiomas). Interpessoais (entender as intenções, motivações e desejos dos outros).

Marque todas que se aplicam.

- Motoras
- Visuais/espaciais
- Naturalistas
- Corporais
- Musicais
- Verbais
- Interpessoais

De que modo prefere ser avaliado?*

Marcar apenas uma oval.

- Prova
- Seminário
- Outro:

Em jornais, revistas, internet, televisão e outros meios, que tipo de informação chama mais a sua atenção?*

Pode-se marcar mais de uma

Marque todas que se aplicam.

- Política
- Educação
- Tecnologia
- Esporte
- Entretenimento
- Saúde
- Curiosidades
- Mundo
- Meio ambiente
- Cultura
- Economia
- Música
- Arte
- Turismo
- Gastronomia
- Idiomas
- Moda
- Jogos eletrônicos

Defina-se*

Marque todas que se aplicam.

- Expressivo
- Independente
- Autodisciplinado
- Organizado
- Exagerado
- Autossuficiente
- Crítico
- Procrastinador (deixar as coisas para depois, enrolado)
- Comunicativo
- Simpático

- Inseguro
- Líder
- Decidido
- Volúvel (emocionalmente instável)
- Idealista
- Perfeccionista
- Calmo
- Impaciente
- Paciente
- Realista
- Pessimista
- Otimista

Em que você se acha mais criativo?*

Criatividade é realizar algo novo em alguma coisa que já foi criada. Ser criativo é transformar algo que já existe em algo novo e diferente.

Marque todas que se aplicam.

- Artesanato
- Tecnologia
- Artes
- Na escrita
- Na fala
- Outro:

Que área mais te atrai?*

Marcar apenas uma oval.

- Vida (área da saúde)
- Humanas (teoria associada à prática ex.: história, psicologia, sociologia)
- Exatas (trabalha com números, certeza e exatidão ex.: engenharias, física e matemática)

Você sabe qual curso de graduação pretende fazer?*

Marcar apenas uma oval.

- Sim

- Não

Você conhece as disciplinas oferecidas no curso que pretende fazer?

Marque todas que se aplicam.

- Sim
- Não

Que profissão pretende exercer? Por quê?

Qual a média salarial desse profissional?

Marcar apenas uma oval.

- Até 1 salário mínimo (R\$ 678,00)
- Entre 1 até 1,5 salários mínimos (R\$ 678,01 até R\$ 1017,00)
- Entre 1,5 e 2 salários mínimos (R\$ 1017,01 até R\$ 1356,00)
- Entre 2 e 2,5 salários mínimos (R\$ 1356,01 até R\$ 1695,00)
- Entre 2,5 e 3 salários mínimos (R\$ 1695,01 até R\$ 2034,00)
- Entre 3 e 4 salários mínimos (R\$ 2034,01 até R\$ 2712,00)
- Entre 4 e 5 salários mínimos (R\$ 2712,01 até R\$ 3390,00)
- Entre 5 e 6 salários mínimos (R\$ 3390,01 até R\$ 4068,00)
- Entre 6 e 7 salários mínimos (R\$ 4068,01 até R\$ 4746,00)
- Entre 7 e 8 salários mínimos (R\$ 4746,01 até R\$ 5424,00)
- Entre 8 e 9 salários mínimos (R\$ 5424,01 até R\$ 6102,00)
- Entre 9 e 10 salários mínimos (R\$ 6102,01 até R\$ 6780,00)
- Entre 10 e 12 salários mínimos (R\$ 6780,01 até R\$ 8136,00)
- Entre 12 e 15 salários mínimos (R\$ 8136,01 até R\$ 10170,00)
- Entre 15 e 20 salários mínimos (R\$ 10170,01 até 13560,00)
- Acima de 20 salários mínimos (R\$ 13560,01)

Que disciplinas ofertadas no Ensino Médio são importantes para essa profissão?

Marque todas que se aplicam.

- Artes
- Língua Portuguesa

- Geografia
- Matemática
- Física
- Química
- Biologia
- Educação Física
- História
- Inglês
- Espanhol
- Sociologia

Você tem metas para o futuro? Quais são os seus objetivos e sonhos?*

O que você pretende conquistar com sua futura profissão?*

Como pretende ingressar no Ensino Superior?*

Marcar apenas uma oval.

- Vestibular
- ENEM
- Avaliação Seriada - PAS
- Outro:

Se deseja ingressar na universidade pública, o que te motivou?

Marcar apenas uma oval.

- Sonho
- Influência familiar
- Questões financeiras
- Outro:

Seus pais (ou familiares) influenciam nas suas decisões quanto à futura carreira profissional e acadêmica?*

Marcar apenas uma oval.

- Sim

- Não

Se sim, como?

**Tem interesse pela Administração
(Ser gestor/administrador/gerente/especialista/empresário)?**

Marcar apenas uma opção.

- Sim
- Não

Se sim, o que você espera de uma carreira de administrador? O que mais lhe atrai nesta profissão? Destaque um ponto negativo desta profissão.

Tem interesse pela docência (Ser professor)?

Marcar apenas uma opção.

- Sim
- Não

Se sim, o que você espera de uma carreira de professor? O que mais lhe atrai nesta profissão? Destaque um ponto negativo desta profissão.

